

# O PAPEL DA FAMÍLIA NO BEM-ESTAR SUBJETIVO DAS CRIANÇAS

Paulo Delgado inED - Centro de Investigação e Inovação em Educação Escola Superior de Educação do Porto, Portugal [pdelgado@ese.ipp.pt](mailto:pdelgado@ese.ipp.pt)

Joana Oliveira inED - Centro de Investigação e Inovação em Educação Escola Superior de Educação do Porto, Portugal

João M. S. Carvalho - CICS.NOVA.UMinho, inED - ESE.IPP, UNICES - Instituto Universitário da Maia, Portugal

Fátima Correia inED - Centro de Investigação e Inovação em Educação Escola Superior de Educação do Porto, Portugal

Paula Campos inED - Centro de Investigação e Inovação em Educação Escola Superior de Educação do Porto, Portugal

## Resumo

Desde os primeiros anos de vida que a família se constitui como o núcleo mais importante da vida da criança, exercendo uma influência crucial no seu bem-estar e na sua qualidade de vida (Rodrigo & Palacios, 1998; Papalia, Feldman & Olds, 2001). Deste modo, o conhecimento da estrutura familiar e de outros dados relacionados com a dinâmica e funcionamento familiar é fundamental para a promoção dos direitos de cada um dos seus membros, e da criança ou jovem, em particular (Cordeiro, 2016). Não restam dúvidas de que as relações familiares e a participação no contexto familiar são aspetos centrais para o desenvolvimento do bem-estar das crianças. Estudos do bem-estar subjetivo/ Subjective well-being (SWB) em diferentes países salientam a influência da estrutura familiar e da participação no contexto familiar na avaliação das relações familiares e na perceção do bem-estar global de crianças e adolescentes (González et. al, 2015; Dinisman, Andresen, Montserrat, Strózik & Strózik, 2017).

Nos últimos anos, tem sido realizados estudos regulares que analisam o bem-estar subjetivo das crianças incluídas na população em geral, no âmbito do Children World Project (<http://www.isciweb.org>). Os estudos do SWB sublinham a importância da participação das crianças relativamente às decisões que afetam a sua vida, em dimensões como a família, a educação, a rede de amigos e a utilização do tempo livre (Casa & Rees, 2015; González et.al., 2015;

Sarriera et. al., 2015; Casas, 2016). A estabilidade, o sucesso educativo, uma relação afetiva e comprometida com os seus familiares, a existência de uma rede social de amigos, e a realização de atividades de tempo livre, atuam como fatores compensadores, que potenciam o sentimento de bem-estar (Lee & Yoo, 2015).

O International Survey of Children's Well-Being (ISCWeB), da Children's Worlds, envolve países dos diferentes continentes e recolhe dados relativos à vida das crianças e às suas atividades diárias, às suas relações familiares e, em particular, às suas próprias percepções e avaliações do seu bem-estar. O objetivo é melhorar o bem-estar das crianças, divulgando o conhecimento da sua vida quotidiana, nas próprias crianças, na família, e na comunidade, e promovendo a compreensão das suas convicções, do seu grau de satisfação com o meio e com as relações que mantêm. Ambiciona igualmente influenciar os líderes de opinião, decisores, os profissionais e o público em geral, nos países que participam no projeto bem como no panorama internacional.

As dimensões abrangidas pelo ISCWeB são as seguintes: casa; saúde; objetos materiais; utilização do tempo; relações interpessoais; escola; zona em que vive; dados pessoais. Inclui 3 escalas psicométricas de SWB:

- PWI (Personal well-being Index)
- SLSS (Student's Life Satisfaction Scale)
- OLS (Overall life satisfaction)

A primeira fase do projeto começou em 2009, abrangeu 14 países numa pesquisa piloto em grande escala e contou com a participação de 34.500 crianças (Tamar & Rees, 2014; Tamar & Ben-Arieh, 2015; Tamar, Main & Fernandes, 2015). A recolha dos dados relativa à segunda fase decorreu a partir de 2013, abrangeu 19 países e teve a participação de 53.000 crianças. Os principais resultados do estudo encontram-se compilados em diferentes publicações (Children's Worlds, 2016; Rees, Bradshaw & Andresen, 2015; Rees & Main, 2015). A terceira fase do estudo arrancou em 2016 e prolonga-se até 2019.

Este trabalho centra-se na análise do bem-estar subjetivo, focando-se particularmente na relação das crianças com 10 anos de idade com a família e como esta se relaciona com a percepção de bem-estar geral das crianças. A proposta de comunicação que se submete propõe apresentar os resultados da aplicação do questionário utilizado no International Survey of Children's Well-Being (ISCWeB - Children's worlds), no decurso da terceira vaga, em 2017/2018, numa amostra de 67 crianças do 5.º ano de escolaridade de escolas públicas da área metropolitana do Porto.

**Palavras-chave:** Bem-estar subjetivo; Família; Participação; Children World Projet.

## O CONTEXTO FAMILIAR E O BEM-ESTAR DAS CRIANÇAS

Nas últimas décadas, com as mudanças sociais, o conceito de família tem vindo a adquirir novos significados, valores e tendências. A família deixou de estar associada a um modelo tradicional composto por um núcleo, formado basicamente pelos cônjuges e filhos e caracterizado, essencialmente, pela submissão a conjunto de normas rígidas, passando a englobar também novas formas de organização familiar, novas funções e composições. Assistimos, assim, à passagem de um modelo de família enquanto instituição, com “*finalidades de sobrevivência e pela subordinação total à instituição matrimonial*” (Aboim & Wall, 2002, p. 472), para modelos mais modernos, de afirmação da igualdade entre cônjuges e da valorização de uma perspectiva mais individual do que conjugal. Verifica-se, assim, o desenvolvimento de modelos familiares diferentes e flexíveis, assentes em organizações familiares baseadas na igualdade e paridade (Alarcão & Relvas, 2002; Pedroso & Franco, 2008).

Na modernidade, o conceito de família adquiriu novas complexidades, de tal forma que, atualmente utiliza-se o termo “famílias” pelo facto de não existir uma forma unívoca de entender este conceito. Parafraseando Roseneil (2006, citado por Pedroso & Franco, 2008, p. 56), “*por toda a Europa, assim como na América do Norte e Austrália, a família convencional é hoje, e cada vez mais, uma prática minoritária*”. A família moderna é, então, dinâmica e fluída (Pedroso & Franco, 2008), relacional, baseada nos afetos, e também individualista, na medida em que são os indivíduos que a compõem e o seu crescimento pessoal que formam o espírito de família.

Apesar da diversidade e multiplicidade de contextos familiares nas sociedades contemporâneas, as famílias desempenham um papel fundamental no desenvolvimento humano. É no contexto familiar que ocorrem as primeiras experiências, os primeiros vínculos emocionais e as primeiras relações sociais. Por este motivo, as famílias devem ser entendidas, essencialmente, pela natureza do laço social que as une (Aboim & Wall, 2002). Segundo Gameiro (1992 citado por Relvas, 1996, p. 11), “*a família é uma rede complexa de relações e emoções que não são passíveis de ser pensadas com os instrumentos criados para o estudo de indivíduos isolados*”. As famílias são um sistema dinâmico, com a sua própria identidade, com laços de afetividade e que convivem num determinado espaço de tempo, durante o qual constroem uma história de vida única (Alarcão & Relvas, 2002; Relvas, 1996). A comunicação é o elo de ligação que sustenta esta rede complexa na qual se estabelecem relações entre os seus membros e o meio exterior.

Enquanto sistema comunicacional, a família, independentemente das suas tipologias e características, cumpre um conjunto de tarefas que conduzem a uma contínua mudança na organização familiar. É desde logo um sistema social responsável pela transmissão de valores, crenças, ideias e significados que estão

presentes nas sociedades (Kreppner, 2000). Não obstante, ao longo do seu ciclo vital, as famílias desempenham duas funções principais (Relvas, 1996): uma função interna, de desenvolvimento e proteção psicossocial dos seus membros; e uma função externa, de socialização, acomodação e transmissão de uma cultura, através da qual os seus membros interiorizam valores. A família permite a criação de um sentimento de identidade e de pertença dos seus membros, mas também a sua individuação, pelo facto de cada um dos membros da família pertencer a outros sistemas (Relvas, 1996).

A família é o elemento mais firme, seguro e estruturante da personalidade dos seus membros. Numa vertente mais restrita, a família é um local privilegiado para a elaboração e aprendizagem de dimensões fundamentais nas interações, nomeadamente a linguagem, a comunicação e as relações interpessoais e, desta forma, desempenham um papel importante na formação do carácter das crianças. As famílias devem dar resposta a um conjunto de necessidades da criança, permitindo-lhe um desenvolvimento harmonioso. Entre essas funções encontram-se a satisfação dos cuidados básicos (nas quais se incluem cuidados médicos), segurança (proteger a criança de qualquer perigo), afeto (satisfação das necessidades emocionais das crianças), estimulação (promoção das aprendizagens), regras e limites (regulação do comportamento da criança através da demonstração de comportamentos adequados) e estabilidade (manutenção de um contexto familiar estável) (Department of Health, 2000).

A família é palco das primeiras experiências de socialização da criança (Kreppner, 2000) e, por isso, tem um impacto significativo no seu comportamento, que aprendem, através das famílias, formas de existir e construir as suas relações sociais. De acordo com a perspetiva sistémica, os padrões de relações familiares articulam-se, de forma direta, com uma rede de apoio que se pode ativar em momentos críticos, fomentando um sentimento de pertença e a procura de soluções (Alarcão & Relvas, 2002).

De acordo com Kreppner (2000), as famílias, além de se adaptarem às mudanças que decorrem do crescimento dos seus membros, têm ainda a tarefa de manter o bem-estar de cada um. A existência de um ambiente afetivo, tranquilo, estruturante e organizador é fundamental para a promoção do bem-estar das crianças. A presença de laços afetivos positivos, o envolvimento da família, a existência de figuras de referência, com limites e com um ensino/aprendizagem baseado na ética (Cordeiro, 2016) são potenciadores de um desenvolvimento saudável que possibilitam o ajustamento das crianças a diferentes ambientes nos quais participa. Pelo contrário, quando há laços afetivos negativos, o desenvolvimento da criança poderá estar comprometido, provocando maiores dificuldades de interação social (Booth, Rubin e Rosa- Krasnor, 1998).

É no contexto familiar que as crianças aprendem a resolver conflitos e a expressar as suas emoções. A família é, por isso, o núcleo mais importante da vida da criança (cf Rodrigo & Palacios, 1998; Papalia, Feldman & Olds, 2001), uma vez que as relações familiares que ela vivencia são fonte de influência no

seu desenvolvimento social e emocional, na sua auto-estima e auto-conceito, na sua percepção de proteção e, em consequência, no seu bem-estar e qualidade de vida (Cordeiro, 2016). As representações que a criança tem sobre si e o mundo que a rodeia depende, assim, em larga medida da estrutura familiar.

Também Soares (2007) afirma que as representações dos indivíduos são construídas a partir dos conhecimentos e experiências das figuras de vinculação. É no contexto das interações com estas figuras que os sujeitos organizam estas representações sobre si e sobre os outros e, em consequência, perante novas experiências, se comportam de forma congruente com a sua história passada. Deste modo, o conhecimento da estrutura familiar e de outros dados relacionados com a dinâmica e funcionamento da família é fundamental para a promoção dos direitos de cada um dos seus membros, e da criança ou jovem, em particular (Cordeiro, 2016) e para a percepção do seu bem-estar.

O conceito de bem-estar subjetivo é um conceito recente, complexo e que integra duas dimensões: por um lado, uma dimensão cognitiva, que decorre de um juízo avaliativo e é exposto em termos de satisfação com a vida, tanto em termos globais como específicos; por outro lado, uma dimensão afetiva, emocional, que pode ser negativa ou positiva, e que está associada ao conceito de felicidade (Galinha, 2008). O bem-estar subjetivo relaciona-se, ainda, com a capacidade de adaptação do indivíduo, a partir da avaliação pessoal que este faz da sua própria vida, com base nas suas “*experiências emocionais, positivas e negativas, e tendo por base valores, necessidades, expectativas e crenças pessoais*” (Novo, 2005, p. 185). Por este motivo, o bem-estar depende em grande parte do indivíduo.

Apesar do crescente interesse no estudo do bem-estar das crianças nas últimas décadas, ainda é conhecido pouco sobre os fatores que influem nesta percepção por parte da criança. A maior parte destes estudos foram desenvolvidos no âmbito do projeto Children World Project (<http://www.isciweb.org>), os quais sublinham a importância da participação das crianças relativamente às decisões que afetam a sua vida, conforme se encontra consagrado na Convenção dos Direitos da Criança (1989).

Estudos de Bradshaw (2015) relativos ao bem-estar das crianças apontam que a maior parte delas associa a satisfação com a qualidade de vida, principalmente, ao relacionamento que mantém com outros, família e pares. De acordo com este estudo, quase todos os fatores da satisfação de vida apresentaram uma correlação significativa com as características sociais. Por outro lado, a partir dos resultados adquiridos até agora no âmbito do Children World Project, não restam dúvidas de que as relações familiares e participação no contexto familiar são aspetos centrais para o desenvolvimento do bem-estar das crianças.

Este trabalho baseia-se no pressuposto que as crianças vivem “*em contextos específicos, com experiências específicas e em situações de vida real*” (Graue & Walsh, 2003, p. 22) e que, por isso, são sujeitos de conhecimento e produtoras

de sentido. Por este motivo, procuramos atender e entender as suas concepções face ao papel assumido pela família e as dinâmicas relacionais presentes nos seus contextos familiares. Este pressuposto está também presente na investigação e intervenção socioeducativa, a qual se baseia numa lógica de valorização da pessoa, respeito pela singularidade de cada indivíduo e valorização dos direitos humanos (Caride, 2005).

Os profissionais da intervenção sociopedagógica, entre os quais o/a educador/a social, profissional, que tem como saber matricial a Pedagogia Social, deverão ser capazes de analisar o contexto, os indivíduos, suas histórias, aspirações e necessidades, nomeadamente as crianças e as suas representações, enquanto atores sociais de direito no interior da família. A partir da Pedagogia Social, os profissionais da intervenção socioeducativa podem-se comprometer com novas formas de ser e fazer, considerando o sujeito, independentemente da sua idade, como protagonista da intervenção. Apenas uma educação emancipatória poderá garantir a participação dos sujeitos e, em consequência, ajudá-los a perceber a sua realidade social (Caride, 2005). Não obstante, o papel do profissional não passará apenas pela capacitação das pessoas para a participação, mas também pela atenção ao seu espaço relacional, onde as interações se desenvolvem e onde as intervenções fazem sentido.

Os resultados desta investigação visam, assim, um duplo contributo: por um lado, considerar as crianças como sujeitos ativos, competentes, dotadas de pensamento reflexivo e crítico na apreensão e construção da sua realidade social (Graue & Walsh, 2003); por outro lado, melhorar o bem-estar das crianças, divulgando o conhecimento da sua vida quotidiana e a compreensão das suas convicções, procurando influenciar a conceção e implementação das políticas públicas que lhes dizem respeito, ao nível local, regional, nacional e transnacional.

## **METODOLOGIA**

Este estudo utiliza uma metodologia quantitativa, com base num inquérito validado de forma cruzada, nomeadamente em termos de tradução para o português. As áreas investigadas do bem-estar subjetivo estão relacionadas com a situação na vida, a casa em que a criança vive e os seus relacionamentos familiares, foco principal deste artigo. Estudou-se também as questões económicas, de relacionamento com amigos, do ambiente local em que reside, da escola, sobre a utilização do seu tempo, sobre o que pensa de si própria, o bem-estar geral e os direitos da criança.

O questionário foi pré-testado no contexto em que foi utilizado, procurando-se aperfeiçoar o entendimento geral das questões.

A estratégia de amostragem seguiu os parâmetros estabelecidos internacionalmente, procurando cobrir as idades e a dispersão territorial, que permitissem a representatividade das amostras. No caso, trata-se de dados preliminares de uma amostra regional de crianças da população geral. O estudo foi aprovado pelas direções dos agrupamentos de escolas, assim como foi pedido e concedida a aprovação dos pais e das crianças, e assegurada a privacidade, confidencialidade e anonimato na utilização de todos os dados recolhidos.

As crianças, entre os 10 e os 12 anos, do sexo feminino são 41,8% da amostra e 58,2% do sexo masculino.

## RESULTADOS

O perfil da família dos respondentes é de tipo nuclear, constituído por um casal, filho ou filhos. Todas as crianças pertencentes à amostra vivem com as suas famílias, não havendo nenhum caso de acolhimento em residência ou família. A maioria vive sempre ou quase sempre na mesma casa, uma vez que, das 67 inquiridas, apenas 7 vivem em duas casas com adultos diferentes. Em cerca de 75% das casas vivem 3 ou 4 pessoas, em famílias onde se incluem a mãe e o pai e, nalguns casos minoritários, o/a companheiro/a do pai ou da mãe, e com a companhia frequente de irmãos/irmãs, como sucede em 68,7% dos casos. Em apenas 7 situações o avô ou a avó vivem regularmente na casa.

O quadro 1 apresenta os dados referentes à composição dos agregados familiares.

**Quadro 1: Pessoas que vivem na casa da criança**

	N	Percentagem de respostas	Percentagem de casos
Mãe	65	35,5	97
Pai	58	31,7	86,6
Companheiro/a da Mãe	4	2,2	6,0
Companheiro/a do Pai	1	0,5	1,5
Avó	4	2,2	6,0
Avô	3	1,6	4,5
Irmãos e irmãs	46	25,1	68,7
Outros adultos	2	1,1	3,0
	<b>183</b>	<b>100,0</b>	<b>273,1%</b>

As crianças revelam um elevado grau de satisfação relativamente às pessoas com quem vivem, como se demonstra no quadro 2.

**Quadro 2: Satisfação com as pessoas com quem vivem (%)**

Nada satisfeito					Completamente satisfeito					
0	0	0	0	0	3,0	1,5	3,0	4,5	6,1	81,8

A percepção positiva do contexto familiar é confirmada no quadro 3, em que se solicita às crianças para exprimirem o seu grau de concordância relativamente a um conjunto de afirmações.

**Quadro 3: Relacionamento com as pessoas da família (%)**

	Não concordo	Concordo mais ou menos	Concordo muito	Concordo totalmente
Há pessoas na minha família que gostam de mim	1,5	1,5	1,5	95,5
Se tiver um problema, as pessoas da minha família ajudam-me	1,5	1,5	14,9	82,1
Divertimo-nos juntos na minha família	1,5	13,8	9,2	75,4
Sinto-me seguro em casa	1,5	4,5	9,1	84,8
Os meus pais ouvem-me e têm em conta o que eu digo	6,5	9,7	19,4	64,5

O retrato do relacionamento que este grupo de crianças mantem com as pessoas da sua família é caracterizado por um forte vínculo afetivo, por um sentimento de segurança, em casa, e pela interajuda e apoio na dinâmica familiar. Todos estes itens recolhem uma concordância total acima dos 80%. As crianças declaram igualmente que se divertem com os membros da sua família, com um grau de concordância total acima dos 75%. A concordância só diminui um pouco relativamente à disponibilidade manifestada pelos pais para escutarem a sua opinião e terem em conta o que as crianças dizem.

No que diz respeito à tomada de decisão em conjunto com os pais sobre as áreas da sua vida, as crianças manifestam igualmente uma concordância significativa, mas menor do que a expressa nos itens anteriores.



**Quadro 4: Participação com os pais na tomada de decisão (%)**

	Não concordo	Concordo um pouco	Concordo mais ou menos	Concordo muito	Concordo totalmente
Os meus pais e eu tomamos decisões sobre a minha vida em conjunto	7,8	4,7	10,9	15,6	60,9

A vontade de serem ouvidos e de apresentarem o seu ponto de vista, de serem tidos em conta e de poderem participar na tomada de decisão exprime um desejo de autonomia e de liberdade que é característica nesta fase do desenvolvimento (Papalia, Feldman & Olds, 2001). Os resultados apurados podem significar também a menor disponibilidade dos adultos que vivem nestas famílias portuguesas para respeitarem a liberdade de expressão e a participação das crianças nas dimensões da vida que lhe dizem respeito, de acordo com a sua maturidade e com o seu desenvolvimento. Se os adultos não podem abster-se de exercer a sua responsabilidade na tomada de decisão, devem procurar articular o exercício das suas competências parentais com uma gradual, mas inexorável, transferência de poder de decisão, para que as crianças possam construir, passo a passo, a sua independência e autonomia (Delgado, 2006).

Recolheram-se dados referentes à frequência com que as crianças vêm outras pessoas da sua família, como por exemplo avós, tios e primos, que não vivem com ela, de acordo com a informação apresentada no Quadro 5.

**Quadro 5: Encontros com as pessoas da família que não vivem com as crianças (%)**

Nunca	Menos de uma vez por semana	Uma ou duas vezes por semana	Três ou quatro vezes por semana	Cinco ou seis vezes por semana	Todos os dias
4,6	16,9	26,2	13,8	21,5	16,9

O relacionamento com as outras pessoas da família que não vivem com as crianças consta do Quadro 6.

**Quadro 6: Relacionamento com as pessoas da família que não vivem com as crianças (%)**

Nada satisfeito					Completamente satisfeito					
0	0	0	0	0	3,0	0	4,5	6,1	13,6	72,7

As crianças revelam um elevado grau de satisfação relativamente às outras pessoas da família, com quem não vivem, como se demonstra nos dados apurados. Perguntou-se também qual o grau de satisfação com a forma como são escutadas pelos adultos, em geral, e como avaliam globalmente a sua vida.

**Quadro 7: Satisfação com a forma como são escutadas pelos adultos e pela vida, como um todo**

Estatísticas Descritivas					
	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Quão satisfeito estás com a forma como és ouvido pelos adultos em geral	66	2	10	8,98	1,622
Quão satisfeito estás com a tua vida como um todo	65	5	10	9,48	1,077

O quadro 7 revela um elevado índice de satisfação com a vida, como um todo, bem como com a forma como as crianças são escutadas pelos adultos em geral, o que está de acordo com o modo como estas crianças se sentem ouvidas e tidas em conta pelos seus pais. Procurou-se ainda averiguar qual a perceção das crianças sobre o modo como os adultos respeitam em Portugal os seus direitos.

**Quadro 8: Respeito dos adultos pelos direitos da criança (%)**

	Não concordo	Concordo um pouco	Concordo mais ou menos	Concordo muito	Concordo totalmente
Acho que no meu país os adultos respeitam os direitos das crianças	3,3	3,3	23,3	23,3	46,7

Na perspetiva de 70% das crianças inquiridas, os direitos da criança são respeitados pelos adultos. Apesar de elevado, a resposta a esta questão não recolhe o mesmo grau de concordância das restantes questões, uma vez que 30% concorda apenas em parte ou não concorda com a afirmação.

Finalmente, o Quadro 9 recolhe a opinião das crianças acerca da sua vida não por áreas, como a relação com a família ou na escola, mas como um todo, globalmente considerada.

## Quadro 9: Sentimento acerca da vida como um todo

### Estatísticas Descritivas

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
A minha vida está a correr bem	67	5	10	9,34	1,250
A minha vida está mesmo bem	67	3	10	9,28	1,423
Tenho uma boa vida	67	7	10	9,72	0,735
As coisas da minha vida são excelentes	66	5	10	9,17	1,388
Gosto da minha vida	67	5	10	9,57	1,018
Estou feliz com a minha vida	67	4	10	9,52	1,235

Os dados recolhidos permitem concluir que, para a quase totalidade das crianças, a vida está a correr bem, proporcionando-lhes experiências de que gostam muito e que produzem um sentimento de bem-estar e de felicidade.

## CONCLUSÕES

Este trabalho centra-se nos resultados da aplicação de um questionário, utilizado no International Survey of Children's Well-Being (ISCWeB - Children's worlds), a 67 crianças, com idades compreendidas entre os 10-11 anos. Estes resultados sugerem a existência de uma relação direta entre o ambiente familiar e o bem-estar das crianças. A maior parte das crianças entrevistadas vive numa família de tipo nuclear, onde predominam relações de afetividade. A existência de relações positivas e estáveis com a sua família associa-se a uma visão mais positiva das crianças sobre si. Todavia, dos resultados obtidos, concluímos que não é apenas os encontros com a família nuclear que influenciam o bem-estar subjetivo da criança, mas também a possibilidade de interações com a família alargada, isto é, com pessoas da família que não vivem diariamente com a criança.

As crianças destacam que o seu bem-estar subjetivo se relaciona com a existência de um ambiente securitário e com a possibilidade de participarem nos processos de tomada de decisão. Os resultados apresentados confirmam estudos prévios onde esta associação do papel da família no bem-estar subjetivo das crianças já foi sublinhada (cf. Lee & Yoo, 2015; González et. al, 2015; Dinisman et. al, 2017). A partir das respostas obtidas, concluímos que a existência de laços afetivos positivos com a família (*“pessoas na família que gostam de mim”*), o envolvimento da família na entreaajuda e apoio pessoal (*“pessoas da família que me ajudam”*), a existência de um ambiente estável, organizador e protetor (*“divertimo-nos juntos na família”*; *“sinto-me seguro em casa”*) potenciam um desenvolvimento positivo da criança.

No que diz respeito à perceção que as crianças têm da sua participação nos processos de tomada de decisão, apesar de mais de metade das crianças

entrevistadas referir que são consideradas neste processo, o número não é tão expressivo como em questões anteriores. Os resultados obtidos com esta questão apontam para os objetivos deste trabalho, nomeadamente a importância de as crianças serem ouvidas, no espaço familiar e pelos adultos, em geral, de serem valorizadas enquanto sujeitos ativos, atores sociais e cidadãos, com capacidade de ver e descrever o seu mundo, expressar os seus pontos de vista e participar no seu processo de bem-estar. Este pressuposto está, aliás, explícito na Convenção dos Direitos das Crianças, que aborda o direito de as crianças participarem nas decisões sobre os assuntos que afetam as suas vidas. Quando o fazem, as crianças tornam-se sujeitos intervenientes no mundo que as rodeia.

Uma outra leitura que pode ser feita a esta questão pode significar que nem sempre os adultos manifestam disponibilidade para respeitarem a liberdade de expressão das crianças. Estudos anteriores (Delgado, 2006) referem que as famílias devem integrar a criança nas decisões de forma gradual, de modo a desenvolver a sua autonomia e independência. Os adultos têm a obrigação de respeitarem os direitos da criança, nomeadamente o direito de participação, e neste estudo conclui-se que este é um domínio onde, na perspetiva das crianças, há um caminho a percorrer.

O objetivo central desta investigação, que aqui se sintetiza, no campo específico das relações familiares, é melhorar os níveis de bem-estar das crianças, mediante a construção de conhecimento sobre a sua vida quotidiana. Ao centrar-se no bem-estar subjetivo das crianças, isto é, no modo como elas percebem o seu bem-estar, este trabalho deixa pistas sobre a importância de se valorizarem as dinâmicas familiares no desenvolvimento de políticas de apoio à criança. A Pedagogia Social oferece um contributo pertinente neste domínio, ao reconhecer as crianças enquanto sujeitos de direito, facilitando o desenvolvimento de relações de proximidade necessárias para escutar as representações das crianças.

## REFERÊNCIAS

- Aboim S., & Wall, K. (2002). Tipos de família em Portugal: interações, valores, contextos. *Análise Social, Vol. XXXVII (163)*, 475-506.
- Alarcão, M., & Relvas, A. (2002). *Novas Formas de Família*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Bradshaw, J. (2015). Subjective Well-Being and Social Policy: Can Nations Make Their Children Happier? *Child Indicators Research, 8(1)*, 1-4.
- Booth, C., Rubin, K. & Rose-Krasnor, L. (1998). Perceptions of emotional support from mothers and friends in middle childhood: Links with social-emotional adaptation and preschool attachment security. *Child Development, 69(21)*, 427-442.

- Caride, J. (2005). *Las fronteras de la pedagogia social. Perspectivas científica e histórica*. Barcelona: Gedisa.
- Casas, F. (2016). Children, adolescents and quality of life: The social science perspective over two decades. In F. Maggino (Edt.), *A Life devoted to quality of life* (pp. 3-21). New York: Springer.
- Casas, F., & Rees, G. (2015). Measures of Children's Subjective Well-Being: Analysis of the Potential for Cross-National Comparisons. *Child Indicators Research*, 8(1), 1-4.
- Children's Worlds. (2016). *Children's views on their lives and well-being in 17 countries: Key Messages from each country*. S.L.: Children's Worlds.
- Department of Health. (2000). *Framework for the Assessment of Children in Need and their Families*. London: The Stationery Office.
- Delgado, P. (2006). *Os Direitos da Criança. Da participação à responsabilidade*. Porto: Profedições.
- Dinisman, T., Andresen, S., Montserrat, C., Strózik, D., & Strózik, T. (2017). Family structure and family relationship from the child well-being perspective: Findings from comparative analysis. *Children and Youth Services Review*, 80, 105-115.
- Galinha, I. (2008). *Bem-estar subjectivo: factores cognitivos, afectivos e contextuais*. Coimbra: Quarteto Editora.
- González, M., Gras, M., Malo, S., Navarro, D., Casas, F., & Aligué, M. (2015). Adolescents' Perspective on Their Participation in the Family Context and its Relationship with Their Subjective Well-Being. *Child Indicators Research*, 8(1), 1-4.
- Graue, M., & Walsh J. (2003). *Investigação Etnográfica com Crianças: Teorias, Métodos e Ética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cordeiro, M. (2016). *Crianças e Famílias num Portugal em Mudança*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Kreppner, K. (2000). The child and the family: Interdependence in developmental pathways. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(1), 11-22.
- Lee, B., & Yoo, M. (2015). Family, School, and Community Correlates of Children's Subjective Well-being: An International Comparative Study. *Child Indicators Research*, 8(1), 1-4.
- Novo, R. (2005). Bem-estar e psicologia: conceitos e propostas de avaliação. *Revista Ibero-Americana de Diagnóstico e Avaliação Psicológica*, 20(2), pp.

183- 203.

- Papalia, D., Feldman, R., & Olds, S. (2001). *O Mundo da Criança (8a Edição)*. Lisboa: Mc Graw-Hill.
- Pedroso, J., & Branco, P. (2008). Mudam-se os tempos, muda-se a família. As mutações do acesso ao direito e à justiça da família e das crianças em Portugal. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 82, 53-83.
- Rees, G., Bradshaw, J., & Andresen, S. (2015) *Children's views on their lives and well-being in 16 countries: A report on the Children's Worlds survey of children aged 8 years old, 2013-15*. S.L.: Children's Worlds.
- Rees, G., & Main, G. (eds) (2015) *Children's views on their lives and well-being in 15 countries: An initial report on the Children's Worlds survey, 2013-14*. York, UK: Children's Worlds Project (ISCWeB).
- Relvas, A. (1996). *O ciclo vital da família: Perspectiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Rodrigo, M. & Palacios, J. (1998). (Coord.). *Familia y desarrollo humano*. Madrid: Alianza Editorial.
- Sarriera, J., Casas, F., Bedin, L., Abs, D., Strelhow, M., Gross-Manos, D., & Giger, J. (2015). Material Resources and Children's Subjective Well-Being in Eight Countries. *Child Indicators Research*, 8(1), 1-4.
- Soares, I. (Ed.). (2007). *Psicopatologia do Desenvolvimento: Trajectórias (in)adaptativas ao longo da vida*. Coimbra: Quarteto.
- Tamar, D., & Rees, G. (2014). *Children's Worlds: findings from the first wave data collection*. S.L.: Children's Worlds.
- Tamar, D., & Bem-Arieh, A. (2015). The characteristics of children's subjective well-being. *Social Indicators Research*. DOI:10.1007/s11205-015-0921-x
- Tamar, D., Main, G. & Fernandes, L (2015). Editorial: Findings from the First Wave of the ISCWeB Project: International Perspectives on Child Subjective Well- Being. *Child Indicators Research*, 8(1), 1-4.